

O Mundo em Português N°1

Outubro 1999

Escutar Todas as Vozes

Sousa Jamba

Para muitos, o processo de paz em Angola morreu definitivamente e os angolanos farão aquilo que melhor sabem fazer - a guerra. Entre a angústia e a esperança, as respostas de três angolanos.

Há aspectos da realidade angolana que reforçam esse pessimismo: a inquietação das agências humanitárias pelos milhares de deslocados; uma retórica por parte dos políticos cada vez mais agressiva e que exclui possíveis compromissos; um recrutamento alargado de jovens e até de menores; um sentimento de desespero nos angolanos - incluindo os da diáspora. Há mesmo quem diga que a problemática de Angola é insolúvel e que a história de Angola é uma sucessão de acordos - Alvor, Nakuru, Luso, Bicesse, Lusaka - que não vingaram. Os mesmos poderão ainda insistir que, não obstante os excessos da guerra (cães a roerem os corpos em decomposição, miúdos analfabetos a tremer nas trincheiras com as suas kalashnikovs, o menosprezo pela vida), os angolanos nunca se conseguirão desfazer deste inferno. Nesta óptica, Angola - como nas palavras do romancista angolano José Eduardo Agualusa - morreu. Neste clima que retém uma visão quase apocalíptica de Angola, gostaria porém de tanger uma nota optimista.

Cedo ou tarde -- e espero que seja cedo - as armas em Angola terão de se calar. Os angolanos, sobretudo os da minha geração, já demonstram ser muito conscientes da herança lutuosa da guerra. Em 1975, quando Angola se tornou independente, eu tinha nove anos. No nosso bairro do Bom Pastor do Huambo, de repente as brincadeiras passaram do futebol para a guerra. Admirávamos os mais velhos que, na altura, iam às farras com as armas G3, FN, com os lança-morteiros pendurados aos ombros. Agora, muitas crianças angolanas já não veneram ou glorificam a vida militar. Poucos, segundo uma canção de então, querem «morrer na patrulha com arma de guerra na mão». Não surpreende que jovens angolanos da província de Benguela (segundo noticiou recentemente a Voz da América) estejam a refugiar-se na Namíbia e África do Sul em busca de uma formação básica, algo que em Angola continua a ser um privilégio dos filhos da nomenclatura. Esta relutância dos jovens é encorajadora porque representa uma nova Angola que contesta os políticos. Poucos são os que acreditam na retórica dos políticos.

Historicamente, os sistemas colonial e o da pós-independência sempre viram o interior de Angola apenas como uma fonte de homens para os seus projectos. A nação angolana terá de fazer uma introspecção que poderá resultar no expurgo de vários demónios que pulsam em várias mentes. Os angolanos terão de discutir a sério várias verdades da sua identidade. O que é que, afinal, está por detrás da essência de ser angolano? Qual é, afinal, o projecto da nação angolana? Estas questões, que são vitais para a existência de uma nação, nunca foram feitas. Depois da independência, em 1975, Angola entrou na guerra-fria e os políticos defenderam ideologias que tinham mais a ver com a história do Ocidente do que com a realidade africana. Com a queda do sistema comunista da Europa de Leste, muitos pensaram que Angola, por exemplo, seria uma democracia nos moldes de uma Polónia, Hungria ou uma República Checa.

Sabemos todos o que aconteceu. Nesses países da Europa de Leste, os jovens que constituíam a oposição assumiram o poder mas no caso de Angola a velha guarda permanece (e permanecerá) no poder porque em África o Estado é apenas um nexa na rede de interesses. Em Angola, como noutros países africanos (a excepção é a

África do Sul de Mandela), permanece na política quem melhor souber navegar nos caminhos turbulentos das redes do patrocínio político. O papel do Estado será uma das questões - entre outras - que deverá ser debatida no futuro.

Já há intelectuais angolanos (na diáspora e no país) a pensar seriamente sobre esses assuntos. Os angolanos terão de escutar e abranger várias vozes que até agora não figuraram na agenda da sua nação ; terão de parar e escutar as raivas, ansiedades, complexos, orgulhos e vários outros sentimentos - uns deles quase inefáveis - que pululam nas mentes dos seus compatriotas. O discurso nacional em Angola até agora teve um tom desigual: vigoraram os argumentos e teorias dos mais fortes (aqueles que controlam os meios de comunicação social).

Isto teve o efeito de criar neles a ilusão de serem detentores da verdade absoluta. Há várias verdades angolanas e todas elas são válidas. Creio que deste caos surgirá uma vontade de analisar o mosaico angolano. Como é que um crioulo de Luanda, que cresceu vendo telenovelas brasileiras e dançando a música cabo-verdiana e um indivíduo do interior que vê nisso uma alienação cultural poderão chegar a um consenso em que ninguém se sinta oprimido ou menosprezado? Um debate sério sobre Angola só poderá ser possível num clima com um mundo académico vibrante e uma imprensa e sociedade civil prestáveis. Aos poucos, Angola já começa a ter isso. Quando, por exemplo, o governo insiste que todo o mundo deve defender a guerra para o aniquilamento de Jonas Savimbi, já há intelectuais angolanos que têm a coragem de contrariar essa tese e de insistir no diálogo. E os seus argumentos são espalhados pelo mundo - através da Internet - em minutos. A globalização está também a afectar Angola. O que é animador é que são os próprios angolanos a tecer os seus assuntos com um certo rigor. Isto inspira em mim (e outros com ligações a Angola) muita esperança.